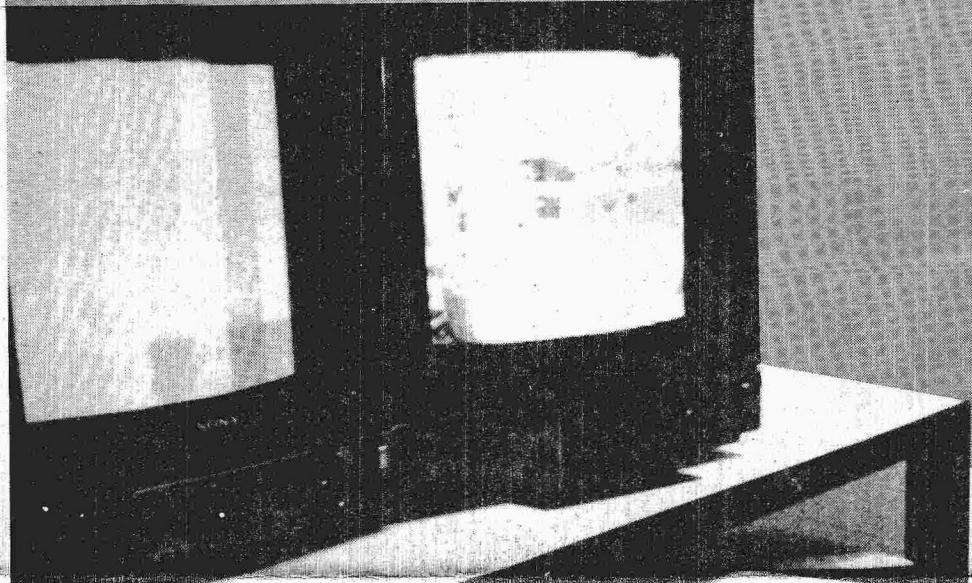


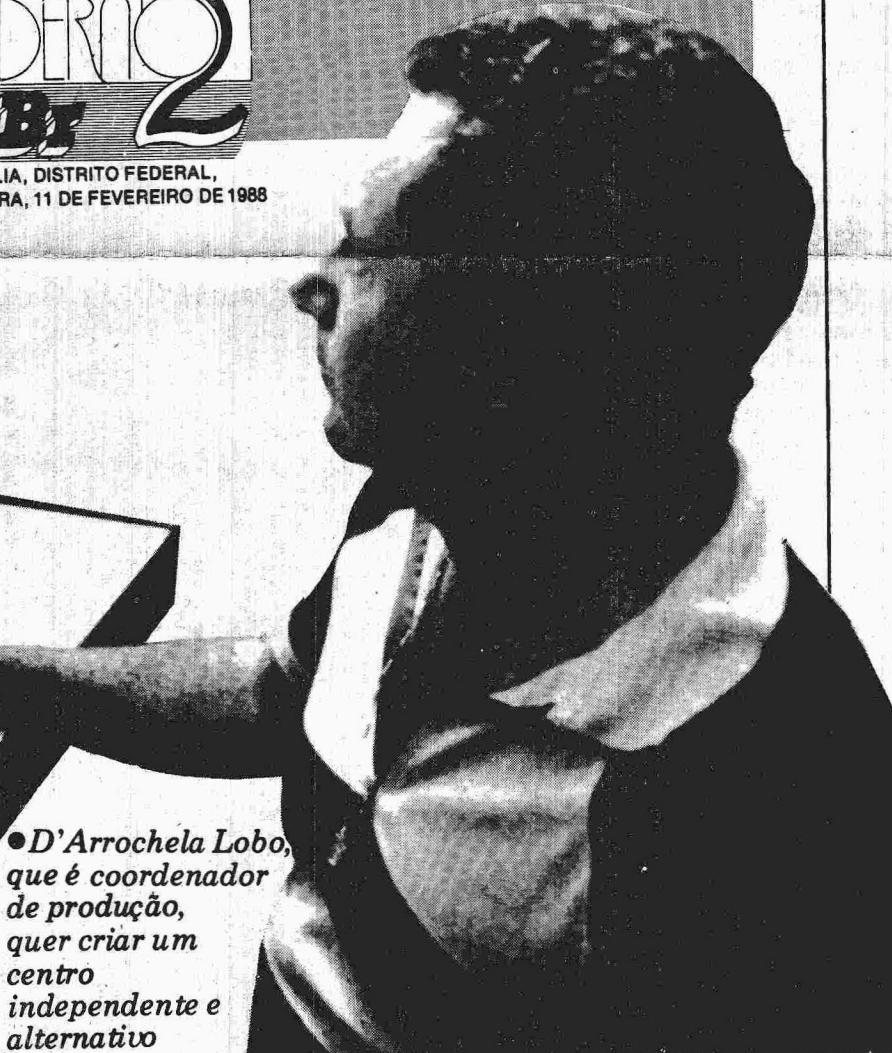
VÍDEO

O centro que está sendo montado na Universidade de Brasília pretende resgatar todas as formas de expressão cultural da região



CADERNO
JBF 2

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL,
QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1988



•D'Arrochela Lobo, que é coordenador de produção, quer criar um centro independente e alternativo

Angela Drumond

Com recursos do Bird (Banco Mundial) no valor de US\$ 1,6 milhão, o que equivale a algo em torno de Cr\$ 133 milhões, a Universidade de Brasília colocou em funcionamento uma das mais modernas centrais de produção de vídeo e cinema do País: o CPCE — Centro de Produção Cultural e Educativa.

Os equipamentos Sony que ainda estão sendo desencaixotados — com uma linha completa U-matic (profissional), três unidades portáteis, e uma central de pós-produção equipada com um BVE-900, controlador de edição computadorizada e quatro ilhas de edição — superam, em Brasília, os existentes em todas as emissoras de TV.

Esta foi a avaliação feita pelo coordenador de produção cultural do centro, José D'Arrochela Lobo, que responde interinamente pela direção do CPCE, sob a responsabilidade do cineasta Geraldo Moraes. Além da produção de vídeo, a UnB conta, ainda, no CPCE, com uma estrutura para filmagem em 16 e 35 mm (cinema) e também para a gravação de áudio.

Por enquanto, apenas nove

profissionais atuam no centro de produção, o que não impede que o ritmo dos trabalhos seja acelerado: já estão sendo realizados vinte vídeos dos quais quatro foram finalizados. "Estamos criando não apenas uma produção independente, mas principalmente alternativa", diz D'Arrochela Lobo, porque não existe a preocupação com a veiculação através dos canais formais existentes — o que não impede, porém, que isto venha a acontecer. O vídeo feito para o Flaac — I Festival Latino-Americano de Cultura, por exemplo, foi transmitido, em 1º de janeiro de 88, pela Radiobras.

A linha de trabalho visa a sociedade e a filosofia é a de resgatar e documentar manifestações, devolvendo-as em sequida, sistematizadas, aos protagonistas da história. Para ilustrar a informação, D'Arrochela Lobo valeu-se de um vídeo — em co-produção com a Embrater — sobre a comunidade rural de Fubá, ao sul da Bahia.

Na mais absoluta condição de pobreza, desprovidas dos confortos do meio urbano, como luz elétrica, água encanada e rede de esgotos, os habitantes da comunidade lutam para sobreviver. E o vídeo procura mostrar as formas encontradas para tal. Por isto, o ritmo é lento, dirigido para pessoas analfabetas em sua maioria, bem

diferente dos videoclips consumidos nos grandes centros urbanos.

Mas os esforços do CPCE concentram-se na produção cultural e educativa da região Centro-Oeste. "Uma vocação de trabalho", destaca D'Arrochela Lobo, em uma área ainda carente da divulgação de todo o seu potencial.

Desta forma, foram aprovados pelo colegiado do Centro — o critério adotado pela UnB para a seleção dos projetos — vídeos sobre Abadiânia (a recuperação de um trabalho de administração comunitária); Medicina Popular, a Pesca no Pantanal e até mesmo uma adaptação da peça A Arara Encantada, infantil, de Barale Neto, um autor do Centro-Oeste.

Além destes projetos, Cem Anos de Escravidão; o Rock em Brasília, como fenômeno social; Civilização Tropical, Expedição Roncador Xingu (marcha para o oeste proposta por Getúlio Vargas), que por ocasião da guerra previa a transferência da capital para a região central, mais adequada à resistência, se houvesse uma invasão do Brasil pelos alemães, caso eles ganhassem a guerra.

Para D'Arrochela Lobo, existe ainda um vídeo de grande interesse para o Distrito Federal: A Pré-História de Brasília, a partir do relatório Cruls, uma missão belga que há 90 anos

realizou um estudo para demarcar o local ideal para construir a capital do País. Coincidência ou não, a área que chegou a ser piquetada é exatamente a mesma em que, sessenta anos depois, foi construída Brasília.

Entusiasmado com a idéia de fazer um trabalho criativo aliado à mais moderna tecnologia, D'Arrochela Lobo acredita que a produção do CPCE encontra aberto à sua frente todo o mercado de vídeo doméstico, em VHS disponível. Um mercado que se amplia com as cinqüenta empresas e entidades brasileiras que atuam com vídeos referentes aos movimentos sociais.

Uma produção, na sua avaliação, de baixo custo, onde são somados apenas os custos diretos com passagens e diárias, já que os equipamentos foram adquiridos com os recursos do Bird, o que facilita ainda mais a penetração neste mercado, atendendo à demanda externa e interna da UnB.

Bancados pela Universidade ou em co-produção, desde que não haja interferência nos trabalhos, os vídeos do CPCE são ainda aplicados ao ensino, nas atividades multimeios, presentes em Hansenias ou em Saúde Bucal, resgatando eventos, experiências, pesquisas e mantendo estreita colaboração com os departamentos de Comunicação Social e Tecnologia Educacional.